

**“A BELA AMORTECIDA”, DE GILMAR PEREIRA:
LEITURAS DE UM CONTO**

Neliane Raquel Macedo Aquino (UFT)

nelianemacedo@ifma.edu.br

Bonfim Queiroz Lima (UFT)

bonfimql@hotmail.com

RESUMO

A análise de contos literários infantis demonstra ser uma tarefa complexa e ao mesmo tempo encantadora. Falar de literatura infantil é retomar o período curto em que se tem uma imaginação avassaladora e transportadora entre mundos. Apesar de ser escrita por adultos, a literatura infantil é lugar de cuidado e de intensa relação com a criança que lê. Por isso, é de fundamental importância a leitura nesse período. Tendo em vista essa premissa, esse texto se propõe a analisar a literatura infantil de Gilmar Pereira no conto “A Bela Amortecida”, reconhecendo-se, para tanto, a importância do gênero e da literatura local. Conclui-se, portanto, que o referido conto estabelece-se numa ponte de relações entre os contos maravilhosos já consagrados na literatura popular e a literatura local que ele produz, introduzindo elementos da vida moderna. Essa relação deixa o texto rico e é capaz de prender o pequeno leitor.

Palavras-chave:

Conto. Literatura infantil. A Bela Amortecida.

1. Introdução

Gilmar Pereira é escritor e membro da Academia Imperatrizense de Letras. Dedicar-se à literatura infantil e já possui várias obras publicadas. A história a que se dedica esta análise pertence ao livro *A Bela Amortecida e outras histórias*, o qual foi publicado em 2003. O autor é representante, portanto, da literatura infantil maranhense e se apoia na vida e na cultura local para construir suas histórias.

O escritor é natural de Xambioá, município do Pará. Com um ano de idade foi morar em Imperatriz onde vive até hoje. Formou-se em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão. O autor foi um grande fomentador do desenvolvimento da literatura em Imperatriz e região. Em 1983, com vários literatos, funda o GRULI (Grupo Literário de Imperatriz). Devido sua importância no meio cultural, foi convidado a fazer parte da Academia Imperatrizense de Letras, ocupando a cadeira de número 28. Escreve contos, crônicas e poesias.

A literatura local em Imperatriz é fomentada principalmente pelos escritores membros da Academia Imperatrizense de Letras. Esse suporte pode ser visto nas várias publicações desses autores que se dedicam a falar de sua cultura e de sua terra. Gilmar Pereira ganha destaque com a literatura voltada ao público infantil e constantemente presentenos eventos literários promovidos pela Academia em Imperatriz.

Não se pode deixar de mencionar o valor para a cultura local proporcionado por autores como Gilmar Pereira a sua cidade. Falar de um povo e encantá-lo não é tarefa fácil, mais ainda com um público tão exigente quanto se faz o infantil.

Tendo em vista a importância da literatura local para a Região Tocantina¹, este texto se propõe a analisar, sob o viés do conto maravilhoso, os caminhos interpretativos que são permitidos nas letras de Gilmar Pereira por meio de um de seus contos: “A Bela Amortecida”. A literatura infantil aqui será retomada com vistas a localizar o conto e a modalidade literária no espaço brasileiro para que, a partir disso, seja possível fazer um percurso de análise que demonstre a importância da leitura para a criança.

2. O conto popular

O conto popular é um texto rico e diversificado, seu teor criativo sempre foi muito explorado e tem a capacidade de chegar aos lugares mais longínquos possíveis. Dessa maneira, é possível entender porque o conto é um dos gêneros textuais mais conhecidos entre as pessoas. Segundo Simonsen (1987), é muito difícil determinar a origem do conto popular. Várias teóricos, entre eles, Husson (1874), Cosquin (1922), Saintyves (1923), Propp (1972), Lang (1974), já tentaram se debruçar sobre essa temática, quiseram demonstrar um caminho que chegasse a uma origem única do conto.

Assim, com várias teorias surgidas ao longo dos séculos, eles tentaram explicar a origem dos contos populares, algo que muito se buscou antigamente. Entretanto, hoje, percebe-se que os contos populares são heterogêneos e nada fáceis de se relacionar a uma origem única. Segundo Simonsen (1987, p. 40) “em nossos dias, a opinião mais difundida, ao que parece,

¹ Região que engloba os municípios à beira do rio Tocantins, da qual faz parte Imperatriz, no sudoeste maranhense.

é de que, segundo Claude Bremond e Jean Verrier, as ‘raízes históricas dos contos são de fato uma abundância de radículas, e que o universo do conto se espalha em uma multidão de tradições heterogêneas’”.

O conto popular apresenta algumas subdivisões, dentre elas, o conhecido conto maravilhoso ou conto de fadas. Para desenvolver a leitura interpretativa que aqui se propõe, é preciso, antes, trazer a definição deste tipo específico, visto que o texto infantil ora estudado baseia-se nesse tipo de gênero. De acordo com Simonsen (1987), contos maravilhosos são:

(...) frequentemente designados em francês pelo de nome de “contos de fadas”, impróprio porque demasiado restrito, já que raramente se trata de fadas. Os contos maravilhosos, de estrutura complexa, comportam elementos sobrenaturais, originalmente não-cristãos (encantadores, metamorfoses, objetos mágicos, etc.) Os contos maravilhosos, aos quais tende-se às vezes a incorporar todos os contos populares, na realidade constituem apenas uma pequena parte do repertório. (SIMONSEN, 1987, p. 07)

A inclusão desse conceito de conto maravilhoso que se traz nessa análise justifica-se pela retomada do nome do conto “A bela adormecida” e do principal elemento, o objeto de envenenamento do conto “Branca de Neve”, a maçã. O conto clássico da “Branca de Neve” pode ser lido nas entrelinhas deste conto aqui em destaque devido essa conservação de seu elemento mágico e de outros traços do original. Lembremos que “os contos populares são às vezes muito antigos e, desde a Antiguidade, a literatura conservou traços deles” (SIMONSEN, 1987, p. 11).

De acordo com Simonsen (1987, p. 35), “em nossos dias, o estudo dos contos interessa-sesobretudo por seu sentido, sua forma artística, e pelo papel que representam ou representaram em uma dada comunidade.” Acrescentam-se, ainda, as releituras que vários autores vêm consagrando aos textos clássicos. São possibilidades que exploram desde a reconstrução do conto até histórias sobre o que aconteceu após o casamento com príncipe, após os meninos conseguirem se livrar da bruxa, etc. São tempos, podemos dizer, da revivescência da literatura infantil tradicional reconstruída e que se torna popular, apoiada principalmente na linguagem do cinema.

Para Simonsen (1987, p.17) “Alguns contistas contemporâneos bordam deliberadamente sobre contos populares tradicionais para deles desviar ou até mesmo inverter os *a priori* ideológicos”. É o caso que se explora neste texto. O autor retoma, não sem intenção, um conto clássico para construir sua significação. Apesar de reconhecermos logo a linha tradicional no conto em questão, ele não deixa de ser surpreendente e guardar elementos

próprios da cultura que o atualiza, trazendo ao fim uma espécie de lição moral, que será analisada mais a frente.

É importante ressaltar, todavia, que o conto infantil sofre influências de outros gêneros textuais e, atualmente, a mescla de textos torna até difícil a tarefa, em certas ocasiões, de se determinar as características do conto. Nessa linha, Simonsen (1987), argumenta que:

(...) mais geralmente, em uma época em que os escritores encontram comumente sua inspiração no mítico e no onírico, e em que a escrita recusa cada vez mais os procedimentos ilusionistas do romanesco tradicional, o conto literário parece estar perdendo sua especificidade, para se dissolver, com outros gêneros, em uma categoria única, o relato. (SIMONSEN, 1978, p. 18)

Dessa maneira, a autora assevera que há um entrelaçamento de gêneros, formados pelo encontro entre diferentes possibilidades de literatura. A essa mescla ela diz que surge uma espécie de relato que unifica as raízes dos gêneros. Sabemos que, devido à dinamicidade e à heterogeneidade dos gêneros do texto, essa característica é, deveras, existente e não há como ser diferente.

3. A infância e a leitura

Além de pensar sobre o conto, precisamos também pensar acerca da infância e do papel que a leitura do conto tem para essa fase da vida. De acordo com Ariès (2012), o sentimento de separar a fase da infância nasceu mais ou menos no século XVII, embora o ambiente não fosse ainda tão propício a ela, devido a fatores como a mortalidade infantil.

Assim, embora as condições demográficas não tenham mudado muito do século XIII ao século XVII, embora a mortalidade infantil se tenha mantido num nível muito elevado, uma nova sensibilidade atribuiu a esses seres frágeis e ameaçados uma particularidade que antes ninguém se importava em reconhecer: foi como se a consciência comum só então descobrisse que a alma da criança também era imortal. É certo que essa importância dada à personalidade de criança se ligava a uma cristianização mais profunda dos costumes. (ARIÈS, 2012, p. 25)

Podemos entrever que o surgimento da infância está ligado a um modelo cristão. Foi a partir da figura de Jesus, Maria e outras imagens divinas retratadas enquanto crianças que a população, segundo Ariès, começou a visualizar e a diferenciar a infância das outras fases da vida. Pensar a criança como fase da vida, separada do adulto também fez surgir o desejo de

educá-la com uma escola própria e uma literatura própria. Assim, Ariès (2012) lembra que:

A descoberta da infância começou sem dúvida no século XIII, e sua evolução pode ser acompanhada na história da arte e na iconografia dos séculos XV e XVI. Mas os sinais de seu desenvolvimento tornaram-se particularmente numerosos e significativos a partir do fim do século XVI e durante o século XVII. (ARIÈS, 2012, p. 28)

Depois de “descoberta”, a infância se tornou motivo de diversas construções próprias e de muitas análises. Vê-se, então, que a infância passou da inexistência para a separação total. Nasceu, juntamente com ela, a necessidade de dar à criança educação, alimentação e ambiente próprios a ela. Nasceu também a necessidade de se registrar essa fase da vida, eternizada por todos em fotografias.

Na contramão desse pensamento, todavia, parece-nos cada vez mais comum o caminho inverso dessa construção que floresceu no século XVII. As crianças estão vivendo cada vez mais, e novamente, no mundo dos adultos. Parece haver uma necessidade acelerada de encurtar o período de infância de adolescência para entrada no mundo adulto, que a vida social tanto nos cobra. Parece haver por parte de alguns pais a necessidade de vestir a criança como adulta e dar-lhe traços de adulta. Essa inversão, certamente, não é bem vista por médicos, psicólogos, educadores, e todos aqueles que conhecem bem a necessidade de “deixar a criança ser criança”.

No Brasil, o sentimento de infância e o progresso surgido com a modernidade ajudaram a solidificar as bases para o surgimento da literatura infantil nacional. Características como o nacionalismo e a valorização do estudo e do livro trouxeram as primeiras histórias voltadas para o público infantil. Nesse cenário, foi muito importante a figura de Monteiro Lobato, devido sua influência na formação da literatura da época e suas histórias até hoje muito populares cultivadas para crianças, ficou conhecido como o mestre da Literatura Infantil no Brasil.

Ao falar da literatura infantil no Brasil, Santos e Oliveira (2012) ressaltam vários autores que começaram a pensar sobre a especificidade da infância em nosso país. Dentre eles, citam Joaquim José de Meneses e sua criação para ensino infantil, o Manual para os Jardins da Infância (1882). Ainda, é figura importante Hilário Ribeiro de Andrada e Silva, que escreveu uma Série Instrutiva (1882), que visava ensinar sobre a cultura e geografia próprias do Brasil às crianças. Destaca-se na produção de contos in-

fantis Júlia Lopes de Almeida (1886). Vários outros autores podem ser mencionados, como Arnaldo de Oliveira Barreto, João Kopke, Alberto Figueiredo Pimentel, Viriato Correa, etc. Esses autores representam uma pequena parcela da necessidade que surgiu de cuidar da infância e educar por meio da leitura.

Assim sendo, não podemos deixar de ressaltar que a leitura é para as crianças uma construção única e que deve ser respeitada. Por isso, os contos a elas destinados propiciam um mundo lúdico que só a criança domina. Segundo Abramovich (1993, p. 24), “quando uma criança escuta, a história que se lhe conta penetra nela simplesmente, como história. Mas existe uma orelha detrás da orelha que conserva a significação do conto e revela muito mais tarde”.

Assim, a leitura para a criança, não é simples processo de decodificação ou de escuta. Ela consegue penetrar em um mundo à parte e torna aquele mundo significativo em sua vida. De acordo com Lajolo (2008):

É a literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. (LAJOLO, 2008, p. 106)

De acordo com Frantz (2001, p.16), a literatura infantil para criança é “ludismo, é fantasia, é questionamento, e dessa forma consegue ajudar a encontrar respostas para as inúmeras indagações do mundo infantil, enriquecendo no leitor a capacidade de percepção das coisas”.

O papel do autor infantil, neste meio, é proporcionar criativamente essa construção à criança. A partir disso, analisamos o conto de Gilmar Pereira, autor que se dedica a construir esses mundos em sua mescla de literatura que retoma o tradicional, mas que não perde de vista a cultura da sociedade atual. A esse respeito, Meireles (1984) lembra que o livro infantil:

Se bem que dirigido à criança, é invenção e intenção do adulto. Transmite os pontos de vista que este considera mais úteis à formação de seus leitores. E transmite-os na linguagem e no estilo que adulto igualmente crê adequados à compreensão e ao gosto de seu público. (MEIRELES, 1984, p. 29)

Sendo assim, não podemos perder de vista, durante a análise de contos infantis, que o mundo criado pelo adulto é lido pela criança, reconfigurando-o, enriquecendo-o e se tornando único para cada um que lê.

4. Análise do conto infantil “A Bela Amortecida”, de Gilmar Pereira

Este trabalho tem como foco percorrer caminhos interpretativos permitidos pelo conto de Gilmar Pereira. O texto é por definição do próprio autor, um conto e pertence ao conjunto da obra que leva como título “A Bela Amortecida e outras histórias”. O livro se enquadra, ainda segundo sua própria ficha catalográfica, dentro do universo da literatura infantil.

A Bela Amortecida explora no nome e nos traços os contos clássicos de “A Bela Adormecida” e “Branca de Neve”, mas com um tempero diferenciado, traz à baila temas atualizados. Como é possível observar na leitura, o conto toma como base elementos bem conhecidos dos contos clássicos populares. Entretanto, explora a modernidade na família e nos diálogos. Iniciemos pela leitura do conto na íntegra:

A Bela Amortecida

Incompatibilidade. Naquele dia a menina amanheceu estranha. Para a mãe, ela não falava coisa com coisa. Acha que tivera pesadelo na noite anterior e tentava, por isto mesmo, amenizar o suposto trauma da filha. Mas a menina insistia:

– Mamãe, esta maçã está envenenada!

Contava para a mãe, uma história referente à maçã que ela pusera para a sua primeira refeição. A maçã teria sido vendida por uma velhinha suspeita. A mãe aborrecida com a história, afirmava que comprara aquela maçã no dia anterior, no supermercado em que sempre comprava. Mas, a menina teimava:

– Esta maçã está envenenada!

Por fim, a menina perde a liberdade de contar a história tantas vezes repetida naquela manhã, pois a mãe convencida de que aquela maçã havia sido comprada por ela no supermercado, e com tantos outros afazeres naquele dia, determina:

– Chega com essas bobagens! Não quero ouvir falar mais nessas besteiras!

A mãe coloca a maçã em cima da mesa e se retira do recinto, deixando a filha com sua impertinência. Horas depois, de volta à cozinha, encontra a filha deitada no chão, toda desajeitada e a maçã com uma pequena mordida. Por um segundo, acha ser uma peça que a menina está-lhe pregando:

– Levante daí!

Mas, apenas sua voz ecoa na cozinha. O corpo continua na mesma posição. A mãe, aborrecida, insiste:

– Deixe de presepada e levante!

Teve a ideia de tocá-la com o pé. Nada. Nenhum movimento. Nenhuma reação. A menina se encontra desfalecida. Às pressas leva a filha para o hospital, mas... já é tarde.

O pai, desesperado, tenta processar os fabricantes de agrotóxicos, enquanto a mãe lamenta não ter dado atenção à cisma da filhinha.

O corpinho frágil fica, por doze horas, à espera de um príncipe. (PEREIRA, 2003, p. 16-17)

Há que se mencionar, logo de início, que o objeto de evenenamento trata-se de uma maçã, tal qual no conto “Branca de Neve”. Esse objeto foi oferecido pela mãe e, no diálogo a estrutura do clássico é retomada, visto que a menina diz repetidamente “a maçã está envenenada”. Ainda, a mãe supõe que a filha faz uma brincadeira com referência à história clássica e não acredita no que ela está dizendo.

Outro elemento que retoma o clássico está na presença da possibilidade da maçã ter sido vendida por uma velhinha suspeita. Todavia, a mãe afirma tê-la adquirido no supermercado, elemento da estrutura da sociedade moderna que representa desenvolvimento industrial, mas também crescente modificação da vida e da cultura do campo, que leva a cultivar elementos em grande escala e o mais rápido possível, com uso de agrotóxicos.

A inclusão de elementos atuais dá ao conto seu caminho e leva a perceber que historinha infantil não quer apenas divertir. Ela insere uma possibilidade moralizante de comportamento de duas formas: aos pais, que não deram ouvidos a sua filha e ao que se faz com o alimento que adquirimos atualmente, mas não sabemos de onde veio, como foi cultivado. Entra em cena a reflexão sobre o que comemos e como oferecemos esses alimentos à nossa própria sorte. A vida industrializada não nos permite ir muito longe em relação ao que ingerimos, mas diariamente ouvimos mensagens sobre o cuidado com os alimentos na televisão, na rádio, no jornal, etc., principalmente quando oferecidos à criança. O conteúdo do conto, portanto, é atual e voltado para uma questão delicada. Mas isso não é problema à criança, ela é capaz de entender e de perceber com essa historinha a importância do cuidado na alimentação.

O herói deste conto é inexistente. Haja vista que a doce menina, capaz de incorporar a frágil princesa, não foi salva. Ficou na verdade, segundo escreve o autor, por doze horas à espera de um príncipe. À espera de que entendessem que ela precisava de cuidados e não estava brincando. Aqui o

conto retoma a estrutura tradicional, porém inverte sua ideologia. Em lugar de haver final feliz, há um trágico acidente do destino para a criança.

O autor retrata um conflito familiar posto que a história se dá no contexto uma casa e na relação principalmente entre mãe e filha. Para Simonsen (2012) o conflito familiar “pode, excepcionalmente, opor a mãe ao filho”. Esse jogo de oposição aqui é marcado pelo diálogo falho entre mãe e filha. A capacidade de comunicar é inversamente proporcional à intenção de comunicar. Mãe e filha usam um repertório que parece diferir, a mãe acha que ela está no mundo imaginário típico de criança; a criança pensa dizer o que para ela é perfeitamente inteligível.

O final do conto demonstra que o desencontro entre a fala da criança e da mãe teve um fim trágico. A morte sorrateira leva a criança. Pai e mãe lamentam a morte prematura da menina. Ele tenta processar os fabricantes de agrotóxicos, ela lamenta não ter entendido a criança. O conto encerra com a cena da criança deitada à espera de um príncipe. Essa cena lembra “A bela adormecida” ou “Branca de Neve” a espera do seu. Entretanto, o conto não foi criado para um final feliz e termina com a menina estendida no chão, mas nenhuma possibilidade de resgate.

O título do conto, de certa forma, antecipa o destino da criança, ao chamá-la de “a Bela Amortecida”, analogamente à ideia de morte e de adormecida. A escolha proposital do nome pelo autor não pesa sobre o conto e gera curiosidade ao pequeno leitor. A história, mesmo tendo uma estrutura que lembra um enredo clássico, é capaz de surpreender no tema que gera a morte da criança, algo que não se espera. Atualizado pela sociedade industrial responde ao que propõe e é capaz de prender a atenção tão delicada de uma criança.

Neste conto, a criança consegue reconstruir o mundo que possivelmente já teve contato: o mundo dos contos de fadas. Ela é capaz de perceber as linhas sinuosas do conto tradicional que percorrem o conto elaborado por Gilmar Pereira. Dessa forma, produz significado ao conto e o traz para a sua realidade, reinterpreta o mundo a cada atualização de leitura.

Os temas abordados, em primeira vista, podem parecer complexos, mas se mostram tratáveis ao gosto da criança e o autor explora questões como uso de agrotóxicos nos alimentos e os diálogos infantis. Há um final triste colado de maneira eufêmica em que se percebe a fragilidade da criança. Esses temas são perfeitamente possíveis de se incluir na leitura infan-

til porque, como pondera Benjamin (1985, p.37) “a criança aceita perfeitamente as coisas sérias, mesmo as mais abstratas e pesadas, desde que sejam honestas e espontâneas (...)” É pois, uma história que desperta curiosidade não só ao público ao qual se destina, mas também nos adultos que buscam entendê-lo.

Por fim, ressalta-se a linguagem com toques às vezes rebuscados e às vezes coloquiais. Essa transição é natural que ocorra em textos escritos e a criança deve ter contato com essas diferenças durante suas leituras. Não é porque se trata de literatura infantil que não se possa utilizar, como já mencionado, uma linguagem em tom mais formal. Ela precisa sim desses contatos para não só aumentar seu repertório linguístico como também entender que a linguagem é um jogo complexo e de muitas facetas.

5. Considerações finais

A análise do conto aqui em destaque ressalta a importância da escrita para a criança e que muitas vezes é coberta por temas que são considerados pesados ou densos. A criança, com toda sua capacidade interpretativa, consegue passar pelos temas como morte e uso de agrotóxicos de maneira leve e inteligente. A temática é tratada de forma leve e sem artificialismos desnecessários.

Pode-se verificar que o autor busca prender, pela história que entremeia o conto clássico maravilhoso, a atenção da criança. Essa fórmula pode representar um bom sucesso ao conto. A criança rapidamente encontra-se e retoma as histórias num processo de ir e vir entre o que já conhece e o que lê. Atualiza o conto e as possibilidades de enredo dele.

Portanto, o conto é visto como integrante da escrita local e esta deve ser valorizada não só em termos de infância, mas como mundo que reconstrói a sua sociedade e proporciona reinterpretá-la. Iniciamos dizendo, e reafirmamos, que a tarefa de analisar literatura infantil não é fácil, mas é sempre prazerosa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1993.

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Trad. de FLAKSMAN, Dora. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. *Ensaio sobre literatura e história da cultura*. Série Obras escolhidas. 3. ed. Editora Brasiliense, 1987.

COSQUIN, Emmanel. *Les contes indiens et l'Occident*. Paris, Champion: Etudes folkloriques. Paris, 1922.

FRANTZ, Maria Helena Zancan. *O ensino da literatura nas séries iniciais*. 3. ed. Ijuí, RS: Ed. Unijui, 2001.

HUSSON, Hyacinthe. *La chaîne traditionnelle, Contes et légendes au point de vue mythique*. Paris: Franck, 1874.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6. ed. 13. reimpr. São Paulo: Ática, 2008.

LANG, Andrew. *La mythologie*. Paris: Franck, 1974.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da Literatura Infantil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PEREIRA, Gilmar. *A Bela Adormecida e outras histórias*. Imperatriz (MA): Academia Imperatrizense de Letras, 2003.

PROPP, Vladimir. *Le radicistoriche dei raccontidifate*. Turin: Boringhieri (1972), 1976.

SANTOS, Poliana Fernandes Pereira dos; OLIVEIRA, Marco Aurélio Gomes de. A literatura infantil na educação infantil. In: *Revista Científica do ITPAC*, Araguaína, v. 5, n. 2, pub. 5, abril de 2012.

SAINTYVES, Paul. *Les contes de Perrault et les récits parallèles*. Paris: Nourry, 1923.

SIMONSEN, Michele. *O conto popular*. Trad. de COSTA, Luis Claudio de Castro e. São Paulo: Martins Fontes, 1987.